PROBLEMAS MODERNOS E A BUSCA DA SÍNTESE DIALÉTICA EM HISTÓRIAS DE ANA MARIA MACHADO E RUTH ROCHA

DRA. REGINA CÉLIA DOS SANTOS ALVES
Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Londrina, Paraná, Brasil
(reginacsalves@hotmail.com)

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo a leitura de uma obra de Ana Maria Machado, *A grande aventura de Maria Fumaça*, de 1979, e uma de Ruth Rocha, *O menino que quase morreu afogado no lixo*, de 1999, no intuito de mostrar que problemas típicos de nossa realidade contemporânea, presentes nas duas obras, como o trem velho e sem utilidade dentro de uma cidade grande, na história de Ana Maria Machado, e o consumismo desenfreado aliado a uma prática inadequada de descarte do lixo produzido, em Ruth Rocha, são transformados e discutidos pelas autoras de forma a tocar o mundo da criança. Embora discutam questões complexas da realidade atual, com as quais as crianças se deparam com maior ou menor frequência, a busca de solução para os problemas encontrados, num processo de síntese dialética, atravessada por uma linguagem que prima pela fantasia e pelo lúdico, de modo a se tornar uma experiência inteligível para a criança, oferece a ela a crença na possibilidade de saída para situações difíceis, sem que haja o abandono de um estímulo tanto racional quanto emocional de sua personalidade em formação.

Palavras-chave: Ana Maria Machado. Ruth Rocha. Problemas modernos. Síntese dialética.

Artigo recebido em 06 out. 2017.
Aceito em 30 out. 2017.

ALVES, Regina Célia Santos. Problemas modernos e a busca da síntese dialética em histórias de Ana Maria Machado e Ruth Rocha. *Scripta Uniandrade*, v. 15, n. 3 (2017), p. 86-102.
Curitiba, Paraná, Brasil
Data de edição: 11 dez. 2017.

MODERN PROBLEMS AND THE SEARCH OF DIALECTICAL SYNTHESIS IN STORIES BY ANA MARIA MACHADO AND RUTH ROCHA

ABSTRACT: This paper aims to analyse a story by Ana Maria Machado, *A grande aventura de Maria Fumaça* (1976) and another by Ruth Rocha, *O menino que quase morreu afogado no lixo* (1999). The goal is to show that nowadays problems of our reality, present in the stories, as an old and useless train, in a big city, in *A grande aventura de Maria Fumaça*, and an exceeding consumption without concern with the waste produced, in Ruth Rocha, are transformed and discussed by the writers so that they reach the child world. Even though the writers discuss serious questions of our current reality, which children may come across more or less frequently, the search for a solution of problematic situations through poetic language, intelligible for children, offers them the opportunity to solve the conflicts.

Keywords: Ana Maria Machado. Ruth Rocha. Modern problems. Dialectical synthesis.

Uma frase de Regina Zilberman e Marisa Lajolo parece instigante para o início da discussão aqui proposta. Para as autoras, o gênero literatura infantil,

[...] se continua marcado por procedimentos e circulação presentes desde o seu nascimento, em fins do século passado, soube incorporar de cada período certas marcas essenciais para dialogar com o seu tempo. E chega à modernidade com a ambição maior de dialogar em pé de igualdade com a literatura não-infantil. (ZILBERMAN; LAJOLO, 1986, p. 182)

O comentário de Zilberman e Lajolo aponta para problemas que sempre perseguiram a literatura infantil desde o seu aparecimento no Brasil, no final

do século XIX, quando das traduções e adaptações de clássicos europeus, sobretudo dos contos de fadas, bem como para a tentativa de sua superação a partir, principalmente, da década de 1970. Para as autoras, o fato de a literatura infantil brasileira, desde sua origem, estar atrelada à leitura e à escola, fez com que nela se acentuasse o tom pedagógico, didático e moralizante¹, sempre presente nas várias fases por que passou no decorrer do século XX.

Aliada a essa postura civilizadora e educativa que contamina a literatura infantil, encontra-se uma visão “adultocêntrica” acerca da criança, esta concebida, como mostra Edmir Perrotti, como um “vir-a-ser”, “alguma coisa imperfeita que necessita ser lapidada, educada” (1990, p. 12). Não é difícil perceber, portanto, que essa visão da infância sedimenta o caráter pedagógico e moralizante das obras destinadas à criança, uma vez que esta, entendida como um ser “vazio”, “incompleto”, necessita ser “lapidada” de acordo com o olhar e valores adultos.

Além dessa opressão etária, Perrotti chama a atenção para outro tipo de opressão exercida sobre a criança, a de classe: “o 'cultural' em nossa sociedade define-se não somente por oposições “adultocêntricas”, mas, sobretudo, por posições classistas. Em última análise, trata-se da veiculação, através da produção cultural, dos conteúdos ideológicos das classes dominantes para todas as classes sociais” (1990, p. 16).

Não é de se estranhar, dessa forma, o forte lastro conservador e didático a se estender por praticamente toda a literatura infantil brasileira, salvo raras exceções, até mais ou menos as décadas de 1960 e 1970, quando então opera, com mais nitidez e frequência, uma mudança na fatura da obra direcionada ao público infantil e, conseqüentemente, no próprio conceito de criança. Para Regina Zilberman e Marisa Lajolo, o desvencilhamento do “recorte didático e pedagógico” (1999, p. 45), ocorrido paulatinamente a partir dos anos de 1960, promove um maior amadurecimento da literatura infantil, que passa a apostar não mais na sua “missão” pedagógica, mas na força da criação lúdica do texto e na sua capacidade de significar nascida desse tipo de exercício.

Dentro dessa perspectiva, a criança deixa de ser concebida como um ente passivo a ser completado pelo adulto, supostamente o agente detentor de saber e verdade que a ela devem ser passados. Assim, ainda que ao texto para criança presida o adulto, o qual normalmente o cria, existe uma preocupação, cada vez maior, em se aproximar do olhar e das questões caras ao universo

¹ Segundo Regina Zilberman e Marisa Lajolo (1986), o fortalecimento da escola, juntamente com as várias campanhas em prol da alfabetização e as campanhas cívicas de valorização da alfabetização, está na gênese da literatura infantil no Brasil ainda no final do século XIX, sendo responsáveis, também, pelo conservadorismo que carrega desde o seu nascimento.

infantil. A criança, portanto, passa a ser vista como um ser que age, pensa, sente e constrói significados para o mundo.

Essa inovação, constatada tanto num posicionamento ideológico quanto no tratamento dispensado à linguagem, não implica simplificação da realidade e dos assuntos tratados, como possivelmente se poderia supor. Ao contrário, problemas sérios e complexos da realidade contemporânea e também aqueles que revelam dramas psicológicos e existenciais são frequentemente abordados, sem, todavia, como mostram mais uma vez Zilberman e Lajolo, “O compromisso com a história oficial, com os heróis pátrios e com os conteúdos escolares mais ortodoxos” (1999, p. 161). Se, contudo, ainda permanece certa preocupação educativa, ela se revela, pelo menos, mais libertadora e emancipadora. Voltando ao comentário de Zilberman e Lajolo colocado no início, parece ser esse caráter emancipador e lúdico observado na produção mais recente o responsável por fazer com que a literatura não só infantil, mas também infanto-juvenil, possa ombrear com a literatura não-infantil, ao incorporar desta tanto aspectos temáticos quanto formais, sem perder de vista o seu público: a criança.

Dentro desse contexto, considerado importante do ponto de vista das inovações trazidas, surgem Ana Maria Machado e Ruth Rocha, cujos textos *A grande aventura de Maria Fumaça* (1979), da primeira, e *O menino que quase morreu afogado no lixo* (1999), da segunda, aqui iremos abordar. Há mais de quarenta anos, quando publicaram suas primeiras obras de literatura infantil, as duas escritoras eram apenas dois nomes promissores, uma vez que suas primeiras obras, como *História meio ao contrário* (1978), de Ana Maria Machado, e *Marcelo, marmelo, martelo* (1976), de Ruth Rocha, apontavam, já naquele momento, para uma expressão literária infantil inovadora, ao colocar em cena uma linguagem que primava pelo poético e pelo lúdico, sem abandonar a postura reflexiva acerca dos assuntos colocados, ao questionar verdades, modelos e arbitrariedades.

A promessa representada pelas duas escritoras na década de 1970 hoje está mais que consolidada e tanto uma quanto outra são dois dos maiores nomes da literatura infanto-juvenil brasileira, ambas com uma produção numerosa – são mais de cem livros publicados por cada uma delas – e com diversos prêmios importantes conquistados tanto no Brasil como no exterior, merecendo também a atenção da crítica especializada, que tem se debruçado sobre seus escritos².

² Uma pesquisa rápida pelo banco de teses e dissertações da CAPES é suficiente para apontar a grande quantidade de trabalhos acadêmicos de fôlego que continuamente vêm sendo dedicados à leitura da produção literária das duas escritoras das mais diversas perspectivas de abordagem.

Ana Maria Machado, carioca nascida em Santa Teresa, no Rio de Janeiro, em 1941, transita tanto pela literatura não-infantil quanto pela infanto-juvenil. Todavia, o destaque de sua produção literária fica por conta das obras destinadas ao público infanto-juvenil. Certamente a linguagem poética e lúdica, bem como a capacidade de adentrar no universo infantil, mesmo quando para tratar de questões complexas, sem uma visão doutrinária ou moralista, são os grandes responsáveis pelo sucesso e pela qualidade dos textos produzidos pela escritora. *A grande aventura de Maria Fumaça*, publicada em 1979, é um exemplo disso. Neste artigo, analisa-se a edição de 2003.

Em um tom altamente poético, o livro conta a história de Maria Fumaça, que já velha e enferrujada, empreende uma grande aventura rumo à cidade grande e lá encontra uma nova vida. A história contada parte da criação de um universo maravilhoso, apontando de início para a expressão “era uma vez”, frase recorrente com que se iniciam os contos de fadas, para um tempo remoto, “no tempo antigo”, e para um lugar distante e escondido, “no meio de uns campos”, onde os objetos pensam, agem, falam e sentem.

O universo maravilhoso criado não significa, entretanto, um apartar-se da realidade, mas um caminho capaz de levar ao universo fantasioso e animista da criança e fazer com que a realidade se torne para ela inteligível a partir da aproximação da perspectiva com que lê e apreende o mundo³.

Caminhando junto desse mundo maravilhoso, de aventura e objetos falantes, Ana Maria Machado põe em cena oposições que marcam a nossa realidade, como o passado e o presente, o campo e a cidade, o antigo e o moderno. Logo de início, observa-se a prosperidade e a riqueza do passado, não mais existente na cidadezinha de Maria Fumaça:

³ Bruno Bettelheim, em *A psicanálise dos contos de fadas*, afirma que “O conto de fadas procede de uma maneira consoante ao caminho pelo qual uma criança pensa e experimenta o mundo; por esta razão os contos de fadas são tão convincentes para ela. [...] Uma criança confia no que o conto de fada diz porque a visão de mundo aí apresentada está de acordo com a sua. Qualquer que seja nossa idade, apenas uma história que esteja conforme aos princípios subjacentes a nossos processos de pensamento nos convence. Se é assim com os adultos, que aprenderam a aceitar que há mais de um esquema de referências para compreender o mundo – embora achemos difícil senão impossível pensar verdadeiramente segundo um outro que não o nosso – é exclusivamente verdadeiro para a criança. Seu pensamento é **animista**” (BETTELHEIM, 1980, p. 59, grifo nosso). Embora as considerações de Bettelheim sejam bastante questionáveis, sobretudo pelo idealismo com que trata os contos de fadas, parece-nos interessante em suas colocações o atentar para a singularidade do pensamento infantil, não racional, como no adulto, mas animista, sendo que é por meio desse processo que o mundo se faz inteligível para a criança.

Já tinha sido rica,
com um verdadeiro tesouro.
No tempo antigo, quando por lá havia ouro.
Depois o ouro acabou. A mina fechou.
A pobreza chegou. E o trem parou. (MACHADO, 2003)⁴

O passado da cidadezinha, assim, é marcado por uma economia de extração do ouro, metal precioso responsável pela riqueza do lugar. O trem, nesse contexto, é veículo de extrema importância, pois sua função é viabilizar o comércio do ouro, fonte de renda do local. Essa situação, no entanto, se transforma e o processo de falência da cidadezinha se dá de forma que o desaparecimento de um elemento é causa do desaparecimento de outro, numa cadeia gradativa, até chegar à parada do trem. Esse processo a escritora mostra por meio de frases curtas, com o uso de verbos intransitivos, todos no pretérito perfeito, a sugerir uma ação acabada no passado, “acabou”, “fechou”, “chegou”, “parou”. Além disso, a construção é poética, e a exploração do ritmo e da sonoridade na elaboração das frases, na verdade versos, contribuem para a criação da imagem da falência apresentada.

Ao trem, assim, a quem antes cabia um papel essencial, agora resta apenas a ferrugem que o consome. Todavia, Maria Fumaça, mesmo parada em um canto da estação, não se acomoda ao destino fracassado da cidade e decide partir de viagem, de fato uma grande aventura, pois é o sair de um estado em que há muito tempo se encontrava, já com marcas de deterioração (estava enferrujada); é um arriscar-se por um caminho há muito não trilhado (os trilhos estão velhos e sem uso); é ir ao encontro de um mundo novo, desconhecido, a cidade grande.

Na decisão e no percurso de Maria Fumaça não há, no entanto, nem hesitação, nem medo, e sua coragem e disposição em conhecer um mundo novo contagiam até mesmo Zé Pretinho, um velho vagãozinho de carregar carvão, assim como ela há muito tempo parado e que, a princípio, duvida da iniciativa da companheira, considerando-a uma maluca, mas que, por fim, adere à sua aventura:

– Que idéia mais maluca!
Você ficou lelé da cuca? Francamente,
onde já se viu essa de trem viajar sem gente?
– Pois, então, fique.
Vou por vale, ou por serra,

⁴ Não colocaremos as páginas nas citações de *A grande aventura de Maria Fumaça* uma vez que o livro não traz números de página.

lá vou eu pra sua terra.
Lá vou eu pelo caminho,
lá vou eu pelo caminho...
Aí Zé Pretinho se animou e foi atrás. (MACHADO, 2003)

O entusiasmo de Maria Fumaça em sua viagem – que envolve um outro vagão encontrado pelo caminho, Seu Beltrão, que esquece a idade e embarca na aventura –, encontra-se, num processo simbiótico, na linguagem utilizada por Ana Maria Machado, trabalhada de modo a explorar poeticamente o ritmo e a sonoridade com fins onomatopaicos, a imitar o próprio barulho do trem. Assim, se a aventura de Maria Fumaça é envolvente, mais ainda se revela a linguagem, extremamente atrativa e lúdica:

E a cantoria do trem
ganhou voz grossa também:
– Lá vou eu pelo caminho,
lá vou eu pelo caminho,
lá vou eu pelo caminho, finiiiiiiinho...
Zé Pretinho se animava:
– Isso! Corre Maria Fumaça!
E vá vendo tudo o que passa!
Passa monte, passa casa, passa ponte,
passa estrada, passa boi, passa boiada... (MACHADO, 2003)

A chegada de Maria Fumaça e dos vagões à cidade grande não passa despercebida. Ao contrário, transforma-se em um acontecimento inusitado, insólito mesmo, um espetáculo a merecer a atenção da mídia, da população e das autoridades, colocados repentinamente diante de uma situação nova e inesperada. O espanto ocorre porque o trem, ali, naquele local, é um objeto totalmente fora do tempo e do espaço:

Todos vinham ver o trem, era a maior confusão.
Discussões na Prefeitura, na Câmara e no Ministério.
Todo mundo só falava na surpresa e no mistério:
– Como veio parar aqui este trem?
E o prefeito fez discurso:
– Isso agora não interessa. Temos que fazer
alguma coisa, e bem depressa.
Mandar de volta não adianta.
O melhor é fazer como o bonde.

O trem virar brinquedo
no meio da praça. (MACHADO, 2003)

A proposta do prefeito, de transformar o trem em brinquedo no meio da praça, tem por objetivo apenas se livrar de uma situação incômoda, assim como já ocorrera com o bonde, o qual também já perdera espaço para outros meios de transporte mais inovadores. Todavia, Maria Fumaça não é passiva, tem voz e contra-argumenta: “Brincar é bom, mas ficar parado é coisa muito sem graça. Nós queremos trabalhar, nos mexer, passear”. Assim, se a proposta do prefeito conota a morte, na medida em que aceita a presença do objeto “intruso” conquanto que parado no meio da praça, como decoração em meio à dinâmica, à “vida” da cidade grande, o discurso de Maria Fumaça reclama uma função ativa para ela e para os vagões dentro daquele meio. Não quer a “morte”, a estaticidade, mas a vida e o movimento. Metaforicamente, é o passado, o antigo, a cidadezinha a exigir sua presença viva no mundo de hoje. É ter aí, também, uma função. O pedido de Maria Fumaça não é em vão, e a solução aparece:

E deram um jeito, afinal. Primeiro, uma reforma:
mudança de rodas, pneus, pintura nova.
Cores alegres, enfeites, bandeirolas para
Maria Fumaça. Bancos e um toldo listrado
para seu Beltrão e Zé Pretinho.
E hoje, no jardim zoológico,
quem prestar atenção, logo vê a solução. (MACHADO, 2003)

Assim, do conflito entre os pares opostos inicialmente colocados, passado/presente, antigo/moderno, campo/cidade, chega-se a uma síntese dialética, em que cada um dos polos dicotômicos dialoga no sentido de criar uma situação nova que carrega dentro de si elementos resultantes do embate⁵. Em outras palavras, a transformação por que passa Maria Fumaça e os vagões, com substituição das antigas rodas de ferro por pneus, com pintura nova, bancos e toldos, marca a impossibilidade do passado se manter no

⁵ Usamos dialética, aqui, no sentido hegeliano, como um modo de pensar e compreender as contradições da realidade e cujos três elementos básicos são a tese (situação inicialmente dada), a antítese (a oposição à tese) e a situação nova surgida do embate entre a tese e a antítese, mas que carrega os traços de uma e de outra. Leandro Konder, em *O que é dialética*, afirma que a superação dialética, conforme se encontra no pensamento de Hegel, “é simultaneamente a negação de uma determinada realidade, a conservação de algo essencial que existe nessa realidade e a elevação dela a um nível superior” (KONDER, 1981, p. 12).

presente com a mesma configuração do ontem, mas expressa, também, a sobrevivência do ontem no hoje, sem a exclusão de um ou de outro, mas sim com a interpenetração de um no outro, resultando, daí, uma situação nova.

Maria Fumaça, assim, representa o passado transformado a habitar o mundo moderno, o ontem presente no hoje, a cidadezinha pequena, mais próxima do campo, dentro da cidade grande, trazendo cor, alegria, divertimento e memória para as crianças:

É só ouvir atrás das vozes das crianças,
atrás dos gritos das aves, dos miados e rugidos,
dos roncoss, urros, uivos e latidos,
a cantiga do trenzinho,
de Maria Fumaça, seu Beltrão e Zé Pretinho:
– Lá vou eu pelo caminho, lá vou eu pelo caminho,
lá vou eu pelo caminho, finiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiinho... (MACHADO, 2003.)

A cantiga do trenzinho revela exemplarmente o processo de síntese dialética, pois se Maria Fumaça, Zé Pretinho e seu Beltrão já não são mais os mesmos, pois ganharam uma “roupagem” e uma função novas para se adequar à nova realidade, a canção é a mesma, mostrando o que neles permanece do original, mas em um outro tempo e lugar. Desse modo, se no trenzinho existem marcas do presente, neste também existem marcas do passado.

O final feliz trazido pela história não implica visão alienante ou redutora da realidade. Ao contrário, problemas que fazem parte de nosso mundo moderno são colocados e a busca de solução para eles não significa simplificação da realidade, mas a possibilidade real de resolver algumas questões. Em se tratando de um texto voltado para o público infantil, muito mais significativa se faz essa possibilidade. Num momento de formação da personalidade infantil, trata-se de mostrar para a criança que o mundo é divertido, agradável, mas nem sempre cor-de-rosa. Contudo, é possível, e também necessário, encontrar saída para os conflitos e ter consciência crítica do movimento de transformação constante que caracteriza a realidade humana, o que também se observa na história de Ruth Rocha.

A autora, nascida em São Paulo, em 1931, é, ao lado de Ana Maria Machado, uma das maiores escritoras de literatura infantil brasileira na atualidade. Com mais de 130 títulos publicados, com traduções para vários idiomas e diversas premiações, a escritora comemora mais de 40 anos de carreira e de sucesso. Seus textos encantadores falam de perto ao universo infantil por meio de histórias otimistas e vencedoras, de modo algum

sinônimos de simplismo e escapismo. Questões caras à realidade contemporânea são trabalhadas de maneira divertida e poética, de forma a se mostrarem atraentes e inteligíveis para a criança. É assim com *O menino que quase morreu afogado no lixo*, de 1999, história de Ronaldinho, um típico menino de classe média que, na ausência dos pais, que saem para uma viagem longa, acumula em seu quarto todo o lixo resultante daquilo por ele consumido, dos mais variados tipos, até chegar à situação limite de ser sufocado e praticamente enterrado pelo lixo.

O texto, narrado por um garoto, também criança como a personagem central, inicia a história de modo a chamar a atenção do leitor para aquilo que vai narrar. Ao mesmo tempo em que põe em dúvida a veracidade do que vai contar, também oferece informações que confirmam o caráter verdadeiro da história:

Essa história que eu vou contar aconteceu na minha rua.

Quer dizer, eu nem sei se aconteceu no duro, que ela parece umas histórias que a minha mãe inventa, que é para convencer a gente a se comportar bem, a arrumar o quarto direitinho, a não espalhar lixo por todo o lado.

Mas quem me contou não foi a mãe de ninguém, não.

Quem me contou foi o Armandinho, que ouviu da própria Xuxa, que era empregada na casa do Ronaldo. (ROCHA, 1999, p. 6)

A opção por um narrador criança, por uma linguagem coloquial repleta de elementos da oralidade, mais próxima portanto da língua falada, bem como do universo colocado, onde os adultos, as mães, se utilizam de um poder de convencimento, mesmo que falseando a realidade, a fim de convencer as crianças quanto a determinados comportamentos, são estratégias de construção textual importantes para introduzir o leitor mirim num mundo que lhe é familiar. O início da história, assim, é convidativo nesse sentido e também porque a própria voz infantil do narrador apresenta dados a favor da veracidade do que vai narrar, ou seja, o fato do ocorrido ter tido uma testemunha ocular, a Xuxa, e o de ter sido a ele contado por um garoto, Armandinho (e não por uma mãe), que ouviu daquela que vivenciou os acontecimentos.

A partir daí o leitor é levado para o mundo de Ronaldo, muito semelhante, sem dúvida, ao de grande parte de crianças pertencentes à classe média urbana. Tanto é que a primeira descrição mostra que “Ronaldo era um menino igual a todo mundo. Nem melhor, nem pior. Era louco por videogame, por flocos de milho e por filme de pancadaria” (ROCHA, 1999, p. 6).

Os gostos de Ronaldinho tanto pelos alimentos quanto pela forma de diversão põem em cena aquilo que, na contemporaneidade, é comum no mundo infantil. Além dos flocos de milho, aparecem no decorrer da história vários outros alimentos apreciados pelo menino como queijinhos, iogurte com morango, guaraná, biscoito de chocolate, sorvete, pipoca, bombom, bolo, sanduíche etc., além de uma quantidade assustadora de objetos úteis e inúteis, que vão sendo acumulados pelo garoto e que vão despencando de seu quarto quando a porta e a janela conseguem ser abertas pelos bombeiros:

Um par de patins, uma bola de futebol, um aquário de peixes, uma bicicleta Caloi de dez marchas, um par de pernas de pau, um guarda-sol de praia, uma prancha de surfe, uns quinze livros, três álbuns de figurinhas, uma porção de brinquedos de Kinder Ovo, um pé de tênis Adidas, uma suéter suja de Coca-cola, um par de óculos, cinco garrafas de água Minalba.

E mais quinze bolas estouradas da festa do Caio, um jogo de damas sem damas, um jogo de xadrez faltando cinco peças, um tambor furado, uns cento e cinquenta carrinhos quebrados, meio pacotes de serpentinas do ano passado, cinco cadernos do primeiro ano, umas doze caixas de lápis de cor usados e faltando os lápis vermelhos, azuis, verde e amarelos. (ROCHA, 1999, p. 24)

Além de mostrar um aspecto típico do comportamento da criança, como guardar todo e qualquer tipo de objeto que para ela tenha algum significado, mesmo quando quebrado e sem utilidade – e isso faz com que o leitor mirim se identifique imediatamente com Ronaldinho, pois age de maneira semelhante à personagem –, o lixo acumulado pelo menino traz à baila, no mínimo, duas outras questões caras ao nosso mundo contemporâneo e cujas consequências podem ser sérias: o consumismo e um certo “abandono” da criança.

Essas questões não estão separadas no texto, mas caminham juntas. Dentro de uma realidade de presença marcante da tecnologia – a TV, o videogame e o micro-ondas são companheiros inseparáveis de Ronaldinho – o consumismo desenfreado se apresenta na história por meio da exposição hiperbólica de tudo o que é consumido pelo garoto, que tem acesso a todo tipo de bem oferecido pelo mercado, desde os mais diversos alimentos industrializados, “uma porção de besteiras” (p. 12)⁶, até os mais variados brinquedos e objetos pessoais e escolares, amontoados assustadoramente em seu quarto a ponto de provocar o risco iminente de morte da personagem:

⁶ Fica nítida nessa frase a crítica ao tipo de alimentação consumida pelas crianças nos dias atuais. São alimentos na maioria das vezes atrativos, verdadeiras guloseimas, mas de baixo valor nutricional. Embora a crítica seja evidente, pois a palavra “besteira” é clara nesse sentido, não há, na história, a colocação de que um alimento é melhor que o outro e que, portanto, deva ser substituído.

Mas cada vez caíam mais coisas, até que seu Breno conseguiu agarrar um pé e começou a puxar, a puxar e lá veio o Ronaldinho, pálido, desfalecido, largado.

A mãe dele começou a chorar:

– Morreu meu filhinho! Meu filhinho morreu afogado no lixo! (ROCHA, 1999, p. 27)

Aliada a esse consumismo, Ruth Rocha explora uma outra questão preocupante de nossa realidade contemporânea, ou seja, uma espécie de “abandono” da criança, mesmo daquelas que, como Ronaldo, pertencem a uma classe social mais privilegiada. O menino, na verdade, acha-se só – os pais saem para uma viagem longa – ficando a casa aos cuidados da empregada, a Xuxa⁷, e da avó, que são companhias esporádicas. Xuxa, a empregada, vem de manhã para arrumar e limpar a casa. Sua preocupação, na verdade, não é com Ronaldo, mas com a casa, com o quão limpa e arrumada deve ficar e como deve ser o comportamento do menino para que essa ordem permaneça. A avó, dona Mirtes, vem à noite para dormir com Ronaldinho e também para fazer algumas de suas vontades, como pedir sanduíche do Mic Mac, comida chinesa do Lig Lig Lé e comida japonesa do Sujiro Roberto. Logo de manhã bem cedo, porém, antes do menino acordar, vai embora, pois precisa caminhar no parque:

E os dois jantavam pizza. Ou, se não, Ronaldinho inventava que queria sanduíche do Mic Mac, queria comida japonesa do Sujiro Roberto ou comida chinesa do Lig Lig Lé.

Daí a vovó ia pro quarto da Dona Laura pra ver TV e dormia logo, que a vovó era muito dorminhoca.

De manhã ela saía antes da Xuxa chegar, que, assim como ela dormia cedo, também acordava cedíssimo e já ia correr no parque. (ROCHA, 1999, p. 14-16)

Nesse comportamento do adulto, sobretudo dos pais de Ronaldinho, parece estar a suposição de que a criança é adulta o suficiente para tomar conta de si, não necessitando de muitos cuidados.

Todavia, Ronaldinho não só não é adulto para tomar conta de si mesmo na ausência dos pais como não consegue lidar racionalmente com o mundo em que vive, pois é apenas uma criança. Por esse motivo, fica horas diante da

⁷ Interessante observar que o nome *Xuxa* dado à empregada parece não ser gratuito no texto. A alusão à apresentadora de programa infantil homônima é clara, e mais significativa se faz quando relacionada ao fato de que Ronaldo fica sozinho em casa na ausência dos pais que estão viajando, tendo pela manhã (este é horário em que o programa televisivo era apresentado e assistido por milhares de crianças) a companhia da empregada Xuxa, que vai limpar a casa.

TV e do videogame, seus reais companheiros; come indiscriminadamente todo tipo de guloseimas ofertado pela indústria alimentícia; deixa tudo espalhado pela casa, pois não tem noção de ordem (tanto porque é criança quanto porque está sem a presença de um adulto que o oriente); e acumula lixo sem se importar com as consequências.

Quando Ronaldinho recupera a consciência, assume a culpa dos acontecimentos, mais por medo da injeção “desse tamanho” que o Doutor Sálvio preparava para aplicar nele do que por convicção, tanto que depois de bom ele volta um pouco atrás, dizendo que “ele não teve muita culpa, não” (ROCHA, 1999, p. 30-31). Na verdade, o texto parece apontar para o fato de que o garoto não é o único culpado, pois antes de se fazer o responsável pelos acontecimentos, a história elenca uma série de possibilidades de responsáveis, todos participantes, direta ou indiretamente, do acontecido, como a mãe, o presidente, o prefeito, o síndico etc.

Desse modo, observa-se que a história de Ruth Rocha, narrada com bastante humor, mostrando de maneira hiperbólica a “quase” morte de Ronaldinho, discute, mais que a consequência quase trágica da desorganização de um garoto igual a qualquer outro, como afirma o narrador no início, certas contradições de nosso mundo contemporâneo. Este, ao mesmo tempo em que oferece os mais diversos produtos, os quais poderiam trazer mais variedade e possibilidades de escolha, com consequente melhoria de vida, é também responsável por um consumismo desenfreado aliado a uma prática inadequada de descarte do lixo produzido, como ocorre com Ronaldinho.

Todavia, a constatação do problema não leva a história a um fim trágico. Semelhantemente ao que ocorre em *A grande aventura de Maria Fumaça*, em Ruth Rocha também encontramos a busca de uma síntese dialética, pois após a situação delicada pela qual passou, Ronaldo coloca em seu quarto quatro latas de lixo, a fim de se organizar e não mais colocar a vida em risco:

Depois de bom, ele ainda quis voltar atrás, dizer que ele não teve muita culpa, não, mas a verdade é que ele arranjou quatro latas de lixo e botou no quarto dele.

Uma pra papel, uma pra restos de comida, uma pra vidro e uma pra plásticos.
E todo dia ele recolhe direitinho o lixo e joga no lixo. (ROCHA, 1999, p. 30-31)

Assim, não há uma negação do mundo em que vive Ronaldinho, nosso também, mas uma crítica ao mau uso do lixo por ele produzido. O texto propõe, como solução para o impasse, uma mudança de hábitos – jogar o lixo no lixo, organizar-se – e não a recusa de todo e qualquer comportamento

característico do mundo contemporâneo de uma criança de classe média urbana, como a personagem central, que continua vendo TV, jogando videogame, comendo os mais diversos tipos de “tranqueiras”, mas descartando o lixo racionalmente.

Parece óbvia também na história a necessidade da presença efetiva do adulto na orientação da criança, uma vez que sozinha pode ainda não ter competência para tal. De qualquer forma, ainda que um tom educativo se revele na história, o final é irreverente e convida o leitor ao questionamento da própria história narrada, pois o narrador coloca em xeque sua veracidade, retomando o início de seu relato: “Não parece história que a mãe da gente inventa pra gente ajudar a tal da ecologia?” (ROCHA, 1999, p. 31).

Não se trata, portanto, de transmitir uma verdade acabada, mas de fazer com que o leitor também participe e construa sentidos para o texto. Dessa forma, podemos observar uma função educativa, não no sentido dogmático, mas emancipador.

O final feliz, com o encontro de uma saída para o problema, não pode ser visto como alienante ou reducionista, mas, como mostra a autora, para a criança é melhor “abrir caminhos” e “inspirar a esperança”, o que não significa que problemas não existam no cotidiano infantil: “Não se deve cultivar o pessimismo em crianças”, prega. “Claro que existem histórias tristes, mas nenhuma deve fechar com problemas insolúveis. O melhor é abrir caminhos e não fechar. Para a criança, é preferível inspirar a esperança” (ROCHA citada em BRASIL, 2009).

A leitura dos textos de Ruth Rocha e Ana Maria Machado permite-nos voltar à afirmação de Regina Zilberman e Marisa Lajolo no tocante ao diálogo, em pé de igualdade, que a literatura infantil brasileira estabelece com a literatura não-infantil. De fato, nas histórias abordadas, *A grande aventura de Maria Fumaça* e *O menino que quase morreu afogado no lixo* está em primeiro plano a preocupação com o universo infantil e com o modo de se fazer atrativo e inteligível para a criança. A isso soma-se um trabalho altamente estético com a linguagem, que se revela lúdica e poética. Assim, mesmo assuntos complexos são tratados, porém, como mostra Ruth Rocha, de modo que a criança possa entender e apreciar (ROCHA citada em BRASIL, 2009).

A preocupação com a busca de solução para os conflitos existentes está presente em ambas as histórias, mas nenhuma delas coloca uma visão redutora ou maniqueísta acerca da realidade. A saída só é encontrada a partir do embate, do entrave entre situações distanciadas ou opostas, mas de cujo choque pode resultar uma nova situação, que pode, também, ser a solução para o problema enfrentado. Daí o movimento dialético exemplar para o exercício do “espírito crítico e auto-crítico” (KONDER, 1981, p. 40).

Interessante observar ainda que a síntese buscada pressupõe, nos textos, a ação efetiva das personagens envolvidas no conflito. Em Ana Maria

Machado, embora a história seja fantasiosa, repleta de elementos de um mundo maravilhoso, é a própria personagem ligada diretamente ao conflito, ou seja, Maria Fumaça, que luta para solucionar o problema encontrado. Diferentemente dos clássicos contos de fadas, por exemplo, não é o acaso (figurativizado muitas vezes em objetos mágicos, fadas, príncipes etc.) que acode para resolver o problema, ficando a personagem diretamente envolvida no conflito passiva diante dos acontecimentos. Em Ana Maria Machado dá-se justamente o contrário, pois a solução ocorre em razão da postura ativa de Maria Fumaça a lutar pela sobrevivência.

Na medida em que a história se constrói de modo a se aproximar do universo infantil, havendo empatia e reconhecimento da criança pelo mundo a ela apresentado, o comportamento ativo de Maria Fumaça parece dizer para a criança que ela também pode e deve agir, pois é dessa ação que as coisas podem ocorrer.

Em Ruth Rocha, é a personagem central, Ronaldo, um menino, que age na tentativa de resolver a situação problemática na qual se encontra. Se é praticamente impossível abandonar certos hábitos e condutas no mundo de hoje, é possível, no entanto, amenizar certos males existentes em nossa realidade contemporânea, potencialmente ameaçadores para a vida do homem. Por ter sido vítima de um desses males, parte do próprio Ronaldinho a iniciativa de colocar latas de lixo reciclável em seu quarto. Pode, assim, continuar consumindo, mas descartando racionalmente o lixo, de forma a não colocar em risco sua vida, como fizera antes.

De fato, *O menino que quase morreu afogado no lixo* parece ser muito mais que uma “história que a mãe da gente inventa pra gente ajudar a tal da Ecologia” (ROCHA, 1999, p. 31), como questiona o narrador ao final, pois não é difícil observar, por trás da história de Ronaldinho, uma alegoria da situação em que se encontra o homem no mundo atual, mundo este de inegáveis avanços e de melhorias de condição de vida, mas que, paradoxalmente, cria, em proporções assustadoras, condições que ameaçam a própria vida no planeta (não apenas a humana), como sugere, por exemplo, a fala de Marco Polo ao descrever Leônia, a cidade que se renova todos os dias e que em vão tenta ocultar sua verdadeira face, a ameaçá-la a todo instante: “renovando-se todos os dias, a cidade conserva-se integralmente em sua única forma definitiva: a do lixo de ontem que se junta ao lixo de anteontem e de todos os dias e anos e lustros” (CALVINO, 2004, p. 106).

Os dois textos, dessa forma, parecem propor para a criança uma atitude de modo algum passiva, mas crítica e questionadora frente às contradições que envolvem a realidade cotidiana. Por meio da linguagem lúdica e poética, os textos alcançam o imaginário infantil, provocando, ao mesmo tempo, prazer e reflexão.

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Tradução de Arlene Caetano. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BRASIL, Ubiratan. Mundo de Ruth Rocha faz 40 anos. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 30 maio 2009. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/artes,mundo-de-ruth-rocha-faz-40-anos,379306>. Acesso em: 9 dez. 2017.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Tradução de Diogo Mainardi. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

KONDER, Leandro. *O que é dialética*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

_____. *Um Brasil para crianças*. 2. ed. São Paulo: Global, 1986.

MACHADO, Ana Maria. *A grande aventura de Maria Fumaça*. São Paulo: Global, 2003.

PERROTI, Edmir. A criança e a produção cultural. In: BELINKY, Tatiana et al. *A produção cultural para criança*. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

ROCHA, Ruth. *O menino que quase morreu afogado no lixo*. São Paulo: Quinteto Editorial, 1999.

REGINA CÉLIA DOS SANTOS ALVES é doutora em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela UNESP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Publicou, entre outros, os artigos “Paisagens do ontem e do hoje: a queda do mundo patriarcal e o crescimento da cidade em *Adeus, Velho*, de Antônio Torres”, na revista *Millenium* (ESEV, Aveiro), “A paisagem e o homem em contos de Valdomiro Silveira”, na revista *Literatura e Debate* (URI), “O Rio em crônicas de Joaquim Manuel de Macedo, João do Rio e Marques Rebelo”, na revista *Dedalus* (Lisboa) e “A subversão da ordem em histórias de Ruth Rocha: possibilidades de emancipação e crescimento”, na revista *Estudos Linguísticos* (São Paulo).

ALVES, Regina Célia Santos. Problemas modernos e a busca da síntese dialética em histórias de Ana Maria Machado e Ruth Rocha. *Scripta Uniandrade*, v. 15, n. 3 (2017), p. 86-102.
Curitiba, Paraná, Brasil
Data de edição: 11 dez. 2017.